

Natal



Que místico poder tem o Natal!
Que força poderosa ele encerra!
Transmuta o desamor, suprime a guerra
e se transforma em dom fundamental!

Milagres do Natal! Como uma prece,
renascem mil valores esquecidos;
homens de corações empedernidos,
retornam à brandura que entenece!

Faltar o bom presente! O simbolismo
traduz a falsa imagem dos conceitos.
Natal é Cristo! É luz, sem preconceitos,
Natal é festa, amor sem consumismo!

Há lágrimas nos olhos de esperança
de tantos seres, fartos da miséria;
curtem a dor, na alma e na matéria,
buscam a paz, que no Natal se alcança!

Natal é oração de dois mil anos,
lembança de Jesus na estrebaria,
o encantamento de sua mãe, Maria,
refúgio e lenitivo aos desenganos!

Natal é paz, em todas as agruras,
é alento, abrigo, apoio e calma.
O ser humano acolhe, nesse dia,
o inebriante sopro das alturas!

Natal dos sonhos! Fonte de alegrias,
Serena paz ao homem edificante!
Sempre Natal! Natal a todo instante!
Que bom fosse Natal todos os dias!

Walter Argento



Ranólfur Hauksson, ©Aurora Photo Guide

Aurora Polar

o mais belo espetáculo da natureza

Beno Lucki

Entre os fenômenos naturais de grande magnitude, a aurora polar é considerada *hors concours* por muitos, sem paralelo com outros eventos naturais. Ao longo dos séculos, sua magnificência, esplendor e suntuosidade têm intrigado e maravilhado os curiosos, os amantes da natureza e cientistas de todo o mundo. São inúmeras as histórias, os mitos e as superstições envolvendo o aparecimento das auroras. Elas foram registradas primeiramente no século VI a.C., na China e em Israel. O profeta Ezequiel as descreveu como “um redemoinho de vento surgido do norte, uma nuvem grande envolta em fogo, com uma resplandecência ao seu redor, de cor âmbar, saída do seu interior”. Os povos do ártico acreditavam que as auroras boreais eram “deuses

dançando no céu”, enquanto comunidades religiosas as viam como “o caminho iluminado das almas em direção ao paraíso”. Superstições diziam que era proibido assobiar em direção à aurora, pois isso poderia provocar sua queda e decapitar o assobiador. Ao passo que bater palmas, acreditava-se, provocaria sua retração.

Grandes nomes da filosofia e da ciência dedicaram-se ao estudo deste espetáculo majestoso da natureza. Aristóteles, o filósofo grego, dizia que a simples contemplação da aurora boreal despertava nos homens um sentimento profundo, uma “admiração ingênua”, livre de racionalizações.

Em 1622, Galileo Galilei, físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano, foi o pioneiro em nomear este fenômeno



Ranólfur Haaksson, ©Aurora Photo Guide

como aurora boreal, em alusão à deusa romana do amanhecer, Aurora, e a Boreas, deus grego representante dos ventos do norte. Em Florença, Itália, onde Galileo residia, a aurora adquire uma tonalidade predominantemente vermelha, devido à latitude, o que lembra as cores do amanhecer na região norte. No hemisfério sul, o mesmo fenômeno foi nomeado como aurora austral pelo explorador, navegador e cartógrafo inglês James Cook. O nome aurora polar define o fenômeno como um só.

O fenômeno se forma nas camadas superiores da atmosfera terrestre, onde partículas elétricas carregadas vindas do sol ou partículas excitadas pela radiação corpuscular solar se chocam com átomos ou moléculas, principalmente de oxigênio e nitrogênio, produzindo luz visível. Isso ocorre em altitudes que variam de 80 a 500 km ao redor dos polos geomagnéticos terrestres e pode ser visto com maior frequência do início do outono até o final do inverno, sob determinadas condições meteorológicas.

Mas o que causa exatamente este fenômeno maravilhoso? O sol, nossa estrela mais próxima, é uma esfera incandescente cujas temperaturas no interior excedem 15 milhões de graus Celsius, com uma pressão 250 milhões de vezes maior do que a da atmosfera terrestre. O calor e a pressão intensos transformam hidrogênio em hélio, liberando enorme quantidade de energia sob a forma de radiação e também de partículas eletricamente carregadas. Na superfície do sol, em razão de fortes campos magnéticos, criam-se manchas solares (*sunspots*), que liberam prótons, elétrons,

íons e núcleos de hélio (partículas alfa), formando o que se denominou vento solar. Este viaja em direção à terra com velocidade média em torno de 400 a 500 km por segundo, tendo suas partículas capturadas pelos campos magnéticos e guiadas em direção às regiões polares. Essas partículas se chocarão com as moléculas de ar na atmosfera superior, principalmente com as de oxigênio e nitrogênio. Tais colisões excitam os átomos, com efeito dominó, tornando-os instáveis, e, quando retornam ao seu nível basal, emitem energia sob a forma de luz.

As auroras são verdes, vermelhas, azuis, púrpuras, alaranjadas, amareladas e de cor magenta, mas as verdes são mais comuns porque o oxigênio, em altitudes de 90 a 120 km, brilha (emite luz) nessa cor. Partículas com alta energia podem penetrar mais profundamente e atingir altitudes mais baixas, colidindo com moléculas de nitrogênio, resultando na coloração rosácea. Além disso, elas podem adquirir tonalidades azuis e púrpuras, devido às moléculas de nitrogênio ionizadas.

Atualmente, graças ao ecoturismo, mais e mais pessoas têm participado de excursões do tipo *hunting aurora*, principalmente nos países nórdicos, como Islândia, Suécia, Noruega e Finlândia, onde as auroras são mais abundantes e recebem o nome de *northern lights*.

Reflexões de um “envelhescente”

Pedro Luiz Squilacci Leme

Victor Hugo morreu em maio de 1885, em Paris; hoje podemos visitar sua antiga residência na *Place des Vosges*, ver seu quarto, a foto de seu cadáver no leito de morte. Manuel Bandeira nasceu em abril de 1886, menos de um ano após a morte do grande escritor francês. Embora cada um tenha seu estilo, atualmente são cultuados pela qualidade de sua obra literária e ambos escreveram sobre a tuberculose, uma doença que marcou a história e a literatura de grande parte dos séculos XIX e XX.

Victor Hugo escreveu um clássico, *Les Misérables*, em que descreveu as agruras de Fantine, mãe da também sofrida Cosette. A trágica personagem, em sua extrema penúria, foi obrigada a vender seus cabelos para dar de vestir à filha (“*Minha filha não sentirá mais frio, a vesti com os meus cabelos.*”), seus dois dentes da frente foram vendidos a um dentista e finalmente se prostituiu para tentar enviar dinheiro aos cruéis cuidadores de Cosette. Morreu tuberculosa como várias heroínas da literatura daquele século e seu corpo foi enterrado em uma cova pública.

Manuel Bandeira não só escreveu sobre a doença, mas ele mesmo a apresentou. Dados de sua biografia informam que apresentou sinais do quadro em 1904, tratando-se inicialmente em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, sem apresentar melhora significativa. Com 28 anos, utilizando as reservas monetárias da família, procurou tratamento na Suíça entre junho de 1913 e outubro de 1914, sendo obrigado a retornar ao país após o início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Estatísticas da época evidenciavam a gravidade da epidemia. Dados do Sanatório São Luiz Gonzaga no bairro do Jaçanã, em São Paulo, hospital que este ano completa 110 anos, mostram que só 6,1% dos doentes lá internados em 1935 receberam alta, após meses, sem estarem bacilíferos. Esse número aumentou para 12,4% em 1945, mas a

mortalidade era muito alta, 36,1% e 35,8% nos mesmos anos. Essas taxas pouco mudavam com os poucos recursos existentes na época, quando o tratamento era baseado no isolamento em sanatórios, repouso, alimentação adequada e existiam poucas opções operatórias, como as dolorosas seções de pneumotórax terapêutico, a secção ou o esmagamento do nervo frênico para tentar paralisar o diafragma, a operação de Jacobeus, percussora da moderna toracoscopia, realizada com o auxílio de um cistoscópio, para desfazer as aderências entre as pleuras, permitindo o colapso das cavernas tuberculosas, diminuindo o risco das temidas hemoptises, causa importante de morte. Com o colapso das paredes das cavernas, tentava-se também evitar a disseminação dos bacilos de Koch.

Entre os poucos que se curavam e o enorme número de mortos, muitos doentes seguiam a história natural da doença, desenvolvendo sua forma crônica, com complicações e sequelas. Antes da terapêutica medicamentosa com estreptomicina injetável, iniciada no Brasil na segunda metade da década de 1940, droga recomendada inicialmente apenas para os doentes com indicação operatória, pouco podia ser feito. No Sanatório do Jaçanã, houve a inversão daqueles números apenas em 1954, alguns anos após o início do tratamento medicamentoso e com operações mais efetivas, como as toracoplastias e as ressecções pulmonares; naquele ano a mortalidade diminuiu para 7,8% e as altas com os doentes em condições adequadas aumentaram para 54,1%.

Foi com certa melancolia que Manuel Bandeira tratou do assunto por toda a vida, como podemos notar em seus escritos clássicos, como “Vou-me embora pra Pasárgada” ou o angustiante poema Pneumotórax, com sua cadência e sentimento de urgência: “Febre, hemoptise, dispneia... tosse, tosse... trinta e três, trinta e três... não é possível tentar o pneumotórax?”. A constatação final do doutor de

que nada podia ser feito: “Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino”. Esse poema, com todas as características do Modernismo, sem métrica ou rimas, rompeu laços com a escrita tradicional.

Como é diferente ler a descrição épica de Fantine de Victor Hugo ou os textos de Manuel Bandeira, “co’um saber só de experiências feito”, por ter sofrido a doença. Camões escreveu no Canto IV de *Os Lusíadas* sobre o velho do Restelo, tão mal interpretado em recente fala política. O velho descrito surgiu durante a despedida emocionada dos familiares dos marinheiros ingênuos e ignorantes que partiam com Vasco da Gama para explorar o oceano, alertando sobre os perigos que enfrentariam, criticando a vaidade e ambição na busca da fama, o imperialismo oculto no expansionismo mercantil da perigosa empreitada. Ao expor seu coração cheio de experiência: “tais palavras tirou do experto peito”; fala que não deve ser confundida com a rabugice de um velho, mas interpretada como uma crítica mordaz e oportuna ao desprezo aos valores morais e um questionamento sobre o futuro. Aqui, podemos ver como é diferente escrever sobre algo que já vivenciamos e nos marcou, compreender a angústia e melancolia que por anos assombraram os versos de Bandeira.

Felizmente, a tuberculose não mata tanto hoje em dia, mas vivemos a época da informação, da síntese nem sempre adequada, e não da formação, do embasamento no conhecimento necessário. Acionamos uma tecla e aparece na mensagem de texto um ícone indicando que estamos felizes: dois pontos, hífen e parênteses “:-)”, imediatamente surge: ☺. Se invertermos o parênteses: “:-(” = ☹, informamos tristeza ou desaprovação. Um clássico como *Les Misérables* é condensado em um musical de duas horas; na primeira delas, atinge-se o primeiro clímax, intervalo de quinze minutos para um café e mais uma hora até o desfecho da trama. Mário Prata escreveu uma inspirada crônica sobre a envelhecimento, um período parecido com a adolescência, mas que ocorre entre a maturidade e a velhice, quando também surgem mudanças hormonais e comportamentais. O envelhecido que escreveu este texto recentemente observou em uma reunião familiar o novo comportamento de outros envelhecidos que, negando sua condição,

agiram como adolescentes: fotografaram a comida servida e enviaram as imagens para todos os seus “contatos”. Depois ficaram sentados, absortos e ensimesmados, teclando seus dispositivos eletrônicos para “conversar” com pessoas que não estavam participando da reunião. Apenas três heróicas vozes mantiveram um diálogo “analógico” e não digital sobre cultura, expectativas e planos futuros. Embora reuniões familiares nem sempre sejam tão agradáveis, tal alheamento pós-moderno causou certo desconforto. Certamente, Victor Hugo e Manuel Bandeira ficariam perplexos com os recursos tecnológicos disponíveis atualmente, mas entristecidos com o comportamento de adolescentes e envelhecidos de hoje.

Almoçando com Roberto Burle Marx

Nelson Di Francesco



Obs.: *Eu estou usando camisa de cor creme.*

Foi há 40 anos, mais precisamente no dia 4 de maio de 1974, um sábado que começou nublado e, depois, o sol resolveu aparecer, afinal era Rio de Janeiro, e a aventura (para nós, grande aventura) teve início desta maneira:

— Vocês poderiam abordar o tema *Paisagismo*, afinal é um assunto relativamente novo, envolve meio ambiente, vai interessar a todo o Colégio, e poderão participar da 1ª Feira do Verde, que será realizada no Ibirapuera. Quem sabe uma entrevista com o Burle Marx? Seria o máximo! Tenho certeza de que vão gostar. Pensem no assunto...

Foram as sábias palavras da nossa professora de Geografia (sinto muito, mas esqueci seu nome).

E pensamos. Pensamos seriamente.

No dia seguinte, lá do escritório onde eu trabalhava, liguei para o Rio de Janeiro, Serviço de informações da Telerj, e consegui o telefone do escritório do paisagista Burle Marx.

Ato contínuo, tomei coragem, apurmei a voz — afinal era a época dos 18 anos de idade — e liguei.

— Bom dia, eu queria falar com o paisagista Burle Marx.

— *Pois não, é ele mesmo. Quem está falando?* Foi a resposta do outro lado da linha. Conseguem imaginar a emoção? Pois

bem, eu expliquei que precisávamos fazer um trabalho sobre paisagismo para o 2º ano do colegial, e a equipe, da qual eu era o coordenador, gostaria de entrevistá-lo.

— *Será um prazer. Querem vir aqui para o Rio de Janeiro no próximo sábado?*

Inacreditável! Assim tão simples, porém foi o que aconteceu.

E, então, partimos rumo ao desconhecido do assunto. Sabíamos, contudo, que ele era o paisagista mais famoso e importante do Brasil, talvez até do mundo. Apenas eu já conhecia o Rio de Janeiro e desembarcamos no sábado seguinte, por volta das 6 da manhã, na cidade maravilhosa (eternamente linda!). Pegamos um ônibus até a Barra da Guaratiba para conhecer o sítio Santo Antônio da Bica, refúgio do mestre e dos seus discípulos arquitetos, paisagistas e outros empregados da propriedade.

Cada vez que escuto a gravação da entrevista, fico com a ideia do quanto as palavras do “mestre” são extemporâneas. Causam a impressão de assunto conversado recentemente. Quase tudo ainda continua válido, principalmente nos dias atuais, em que assuntos como política ambiental, qualidade de vida, poluição e outros continuam marcando presença na mídia

e causam preocupações profundas quanto ao futuro próximo, cujas soluções parecem cada dia mais distantes...

Palavras dele:

— *O jardim não é apenas um lugar pra gente contemplar a natureza, mas também um lugar pra gente viver, muitas vezes em contato com plantas...*

— *Os espaços verdes têm uma importância vital. Não se pode imaginar uma cidade sem áreas verdes, onde não se possa entrar em contato com a natureza e respirar de uma forma mais agradável. Seria um erro pensar que as cidades não precisam mais de jardins...*

— *Eu me lembro de que os primeiros rabanetes que eu plantei e colhi tiveram um gosto que eu jamais encontrei coisa parecida...*

— *Eu utilizo a flora autóctone, e não a importada...*

— *É preciso as pessoas se conscientizarem de que a nossa flora é perfeitamente rica. Temos mais de 5 mil espécies de árvores e 50 mil espécies de plantas...*

— *Quando se constroem estradas no Brasil, elas deveriam ser sempre acompanhadas por técnicos de conservacionismo e botânicos para poderem colecionar plantas que ainda estão fadadas ao desaparecimento...*

— *Nós estamos nos primórdios do conservacionismo. Destruímos como se nada fosse acontecer com a modificação do clima; como se a flora pudesse se renovar, o que não vai acontecer...*

— *Existe uma especulação imobiliária violentíssima, em que não se vê mais o interesse da coletividade, e sim o de pequenos grupos. E a isso eu sou contra...*

— *O protesto da mocidade deveria ser muito maior porque nós estamos destruindo uma coisa que pertence à comunidade. É preciso que todos protestem. Os estudantes têm a obrigação de protestar...*

Possuo essa entrevista gravada (cerca de 80 minutos de áudio) transformada em CD e as 13 fotos feitas na ocasião. Não perco a oportunidade e repasso esse material para alunos de Arquitetura, que, quando ouvem falar o nome Burle Marx, afirmam: — *Meus professores falam muito dele... No próximo semestre vamos estudar Paisagismo... O paisagista Burle Marx!*

Foi um passeio/aprendizado muito gratificante. Ficamos por lá o dia inteiro, saboreamos uma fantástica feijoada, conhecemos outros paisagistas, visitamos grande parte da propriedade, incluindo os ripados de criação das espécies florais que ele utilizava em seus projetos paisagísticos. Orquídeas, samambaias, vitórias-régias, epífitas e filodendros foram algumas delas.

Acredito que os cinco alunos do Colégio Estadual Dr. Alarico Silveira, em São Paulo, obtiveram sucesso na vida; um deles se transformou em uma das pessoas mais importantes do Planeta, e todos jamais se esquecerão que, a partir daquela época, aprendemos a olhar corretamente para o “verde” e enxergá-lo sob outro tom.

Tentei expressar em poema o sentimento daquela tarde:

Roberto Burle Marx

Quantas lembranças boas tomadas de um dia ensolarado:
Orquídeas na varanda,
plantas outras crescendo sob o ripado.
Ao fundo da sala, o imenso aquário marinho e,
fora, contrastando com o céu azulado,
o olhar desconfiado de um par de carrancas.
... E o cheiro da feijoada...

Imagens barrocas rezando sobre a cômoda,
músicas, poesias, tapeçarias,
pinturas, esculturas, alegrias.
Uma conversa em francês
do paulistano paisagista
(exemplo à mocidade),
para uma entrevista nos recebendo,
simples trabalhando,
tal qual compenetrado artista,
... E o cheirinho da feijoada...

Sítio Santo Antônio da Bica,
a caminho da Guaratiba:
Adeus para quem parte,
saudades para quem fica...
Ali foi nossa escola,
pós-graduação, mestrado e doutorado.
... E o gosto da feijoada!

Até breve, Roberto Burle Marx!
Alegre viajante,
com o verde preocupado,
agora a brincar, cantar e plantar nos Jardins do Éden,
vai se sentir por tudo recompensado.
Você partiu, mas não morreram as suas sementes...
Que assim seja,
Amém.

Obrigado, meu Deus, por permitir
tudo aquilo e algo mais,
não se esquecendo da feijoada,
principalmente
“Porque era sábado...”
A exemplo de Vinícius de Moraes...

Coluna do livro



Éléments de médecine

O livro em comento, em três tomos, 286 páginas (primeiro tomo), 468 (segundo) e 376 (terceiro), é uma joia de 1798, editado na cidade de Strasburg, por Louis Eck.

Trata de temas médicos gerais, bastante abrangentes, por exemplo, infecções, contágios, febres, prognósticos, hemorragias, envenenamentos, epilepsia, gangrena etc.

O autor, Etienne Tourtelle, foi professor na Faculdade de Medicina de Strasburg e vaticinava que as principais bases da Medicina são a razão e a observação, mas a última dirige a primeira, “pois a observação é a chama que clareia a marcha das ideias e, sem ela, a teoria fica vacilante e incerta”.

A obra está em excelente estado e foi restaurada (sem aparas) com capa em pleno pergaminho, *ex-libris* de Antonio Bernardes de Oliveira, que a doou à APM em 19 de fevereiro de 1978.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.